

## *Por que falar sobre Jó hoje, século XXI?*

### *Why talk about Job today, 21st century?*

#### **Resumen**

O livro de Jó apresenta uma nova experiência de Deus. Jó descobre que a sua rebelião e luta contra o sofrimento não eram contra Deus, mas sim contra a imagem de Deus que falsificava a consciência das pessoas, destruía a convivência. Após uma apresentação sobre a estrutura histórica e teatral do livro, o artigo se dedica ao debate entre Jó e os amigos, entre uma visão tradicional de Deus e uma nova consciência que nasce do povo que sofre.

**Palavras-chave:** Deus, sofrimento, consciência, povo, manipulação

**Abstract:** the book of Job presents a new experience of God. Job discovers that his rebellion and fight against suffering were not against God, but against the image of God that falsified people's conscience, destroyed coexistence. After a presentation on the historical and theatrical structure of the book, the article is dedicated to the debate between Job and his friends, between a traditional vision of God and a new conscience that is born of the suffering people.

**Keywords:** God, suffering, conscience, people, manipulation

## **1. O modo de pensar do povo na época de Jó**

Século V antes de Cristo. Naquele tempo, o povo achava que sofrimento e pobreza eram castigos de Deus e que riqueza e bem-estar eram sinais de recompensa divina. Esta falsa imagem a respeito da justiça divina era um pensamento comum, transmitido de geração em geração, e que dava aos pobres e sofredores um complexo de culpa diante de Deus. Este modo de pensar do povo não mudou muito de lá para cá. Até hoje, muitas vezes, se ouve alguém dizer: “Não sei que pecado que eu fiz para Deus me fazer sofrer tanto!” Outras vezes, aparece escrito num carro novo: “Presente de Deus!” E quando alguém sofre num desastre, o povo às vezes comenta: “Castigo de Deus!”

---

<sup>1</sup> Carlos Mesters estudou filosofia y teología en São Paulo (Brasil), en el Colegio Internacional San Alberto de Roma y en la Universidad Santo Tomás. Su formación bíblica la hizo en el Pontificio Instituto Bíblico y en la *École Biblique* de Jerusalén. Fue profesor de Sagrada Escritura en el seminario hasta 1973. Es fundador del Centro Ecueménico de Estudios Bíblicos, del cual fue director de 1977 a 1989. En 1987 hizo parte del equipo que elaboró el proyecto *Tua Palavra é Vida*, de la Conferencia de Religiosos del Brasil que buscaba la formación bíblica de éstos.

O autor do livro de Jó tinha esta mesma falsa imagem de Deus na cabeça, mas não no coração! No coração ele tinha a intuição de que Deus não age assim. Por isso, havia dentro dele um conflito entre a *cabeça* e o *coração*. Para debater e resolver este conflito entre a cabeça e o coração ele resolveu escrever o livro Jó, e escolheu o teatro como a forma ou o meio mais eficiente para transmitir a sua mensagem aos outros.

### **Um breve intervalo sobre o esquema do livro de Jó, e sobre a montagem do teatro em torno do sofrimento humano**

**Primeira Parte:** A montagem do palco para o teatro  
(Capítulos 1,1 a 2,13)

1. O livro de Jó, do jeito que hoje existe na Bíblia, tem a forma de um teatro no qual se discute o grave problema do sofrimento. É um teatro em que o público participa, dando a sua opinião. Mais ou menos como aquele programa de televisão: “É você quem decide!”
2. Antes de abrir o pano do palco onde vai acontecer o teatro, um narrador aparece e informa o público sobre o problema que vai ser discutido. São os capítulos 1 e 2, onde alguém conta a história: “Era uma vez um homem chamado Jó que vivia na terra de Hus” (Jó 1,1).
3. Pela maneira de contar a história de Jó fica claro que o sofrimento deste Jó não era castigo do pecado, mas sim um teste da sua fidelidade. Foi o promotor ou acusador (satã) que conseguiu que Jó fosse provado por Deus e perdesse tudo que tinha (Jó 1,6-22; Jó 2,1-10).
4. No fim, privado de tudo, Jó acaba num monte de esterco. O pano se abre e lá no palco está Jó e três amigos que vieram para consolá-lo. Aquele que era rico agora é um pobre coitado qualquer. O povo sofredor, que assiste ao teatro, se reconhece nele (Jó 2,11-13)
5. Começa o debate entre Jó e os três amigos de Jó. Cada um dos quatro defende uma posição com relação à origem do sofrimento. O público, nós leitores e leitoras, que já conhecemos a origem do sofrimento de Jó, podemos assim avaliar quem tem razão: Jó ou os três amigos.

**Segunda Parte:** Os vários passos do debate (Capítulos 3,1 até 42,6)

1. Jó 3,1 a 27,1-23: O longo debate de Jó com os três amigos sobre o sofrimento humano
  - \* Nem tudo que os amigos dizem está errado. Eles misturam as ideias.
  - \* Jó também tem muita ideia misturada na cabeça.
  - \* É o público, o leitor, a leitora, que vai decidir quem está certo.

2. Jó 28,1 a 31,40: Deus entra no debate e revela sua sabedoria, impressa na criação inteira.
  - \* É um trecho de muita beleza, diante da grandeza de Deus e da sua criação
  - \* Neste trecho se revela a sensibilidade da consciência de Jó, isto é, dos pobres.
3. Jó 32,1 a-37,24): O jovem Eliú entra no debate. É um acréscimo que completa o pensamento.
  - \* Eliú é respeitoso para com os três amigos, mas é mais conservador do que eles.
  - \* Ele mistura pensamentos bonitos e abertos com uma tradição muito conservadora.
4. Jó 38,1 a 42,6: Deus dialoga com Jó. É o ponto alto do livro; traz a chave principal.
  - \* Novamente, o livro descreve a beleza da criação e a grandeza de Deus.
  - \* A frase final de Jó é a chave que nos abre o sentido do livro. Ele diz a Deus: *“Eu te conhecia só de ouvir falar de Ti, mas agora meus olhos te veem. Por isso, eu me retrato e me arrependo, sobre o pó e a cinza ”* (Jó 42,5).

### **Terceira Parte:** O pensamento dos três amigos

1. Elifaz: o sofrimento de Jó é fruto de iniquidade e de injustiça (Jó 4,7-9)
2. Baldad: o sofrimento de Jó é fruto do esquecimento de Deus (Jó 8,8-13).
3. Sofar: o sofrimento de Jó é fruto de estupidez e pretensão (Jó 11,7-15).

### **Quarta Parte:** A reação e a defesa de Jó

1. Jó se sente traído por Elifaz. Este, para explicar o sofrimento de Jó, tirava conclusões das teorias que ele tinha na cabeça, mas ele não olha a realidade da pessoa que sofre nem se informa junto a ela. Ele condena sem ouvir o próprio Jó (cf. Jó 6,14-17 e Jó 6,22-30).
2. Jó acha que não há jeito de defender sua causa diante de Deus. Ele não sabe se Deus, quando convocado, vai querer comparecer com ele diante do tribunal (Jó 9,16). Não sabe como defender-se contra uma eventual acusação de Deus (Jó 9,20). Jó sente que Deus é mais forte (Jó 9,19).
3. Jó tem raiva da ignorância dos três amigos. Ele se defende, *primeiro*, invocando a sua igualdade com eles e denunciando a falsidade deles

(Jó 13,2); *segundo*, dizendo que, para defender suas teorias sobre Deus, eles são capazes de contar mentiras sobre a vida humana (Jó 13,7); *terceiro*, pedindo que calem a boca e escutem os argumentos de Jó, o que seria a melhor maneira de eles mostrar que são sábios (Jó 13,5-6).

### **Fim deste breve intervalo**

## **2. O Teatro**

A sala está cheia de gente, gente de *ontem* do tempo de Jó, e gente de *hoje*, todos nós que estamos lendo o livro de Jó. O pano do palco ainda está fechado. Entra um narrador que coloca o público a par do assunto que vai ser debatido no teatro. Ele diz: “*Era uma vez um homem chamado Jó, que vivia no país de Hus. Era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e evitava o mal*” (Jó 1,1). Em seguida, ele conta que, por uma intriga de Satanás, Deus permitiu que Jó caísse na miséria e tivesse todo sofrimento possível (cf Jó 1,1 a 2,10).

Três amigos de Jó, Elifaz de Tema, Baldad de Suás e Sofar de Naamat, ouviram falar da desgraça de Jó e vieram para consolá-lo. Chegando perto e vendo aquele sofrimento todo, perderam a fala e ficaram em silêncio, sete dias e sete noites (Jó 2,11-13).

A esta altura, o narrador sai, o pano se abre e lá no palco está Jó, estão os três amigos Elifaz, Baldad e Sofar, e mais um jovem, chamado Eliú (Jó 32, 1.6). Todos em silêncio, sete dias e sete noites, tanto no palco como na sala (Jó 2,13)! É o silêncio de quem não sabe explicar o sofrimento dos pobres e dos inocentes. É também o silêncio da expectativa de todos diante do assunto que vai ser debatido no teatro: o sofrimento humano. O silêncio perdura até hoje, pois ninguém sabe explicar direito o porquê de tanto sofrimento de tanta gente inocente pelo mundo inteiro!

Jó, os três amigos e o jovem Eliú vão debater o porquê do sofrimento de Jó. O público, isto é, nós que estamos na sala e que ouvimos a fala do narrador, nós já sabemos que, no caso de Jó, a causa do sofrimento não é o pecado. Mas os que estão no palco ainda não sabem, pois eles não ouviram a explicação do narrador. Assim, nós do público temos em mãos um critério para verificar exatidão das respostas que vão ser dadas no teatro.

Quem rompe o silêncio é Jó. Um grito horrível: “*Maldito o dia em que eu nasci!*” (Jó 3,1-3). O povo na sala deve ter levado um susto e, ao mesmo tempo, deve ter sentido um grande alívio. Jó verbalizou o que os sofredores já estavam sentindo, mas ainda não tiveram a coragem de expressá-lo.

### 3. O debate

Começa o longo debate com seus altos e baixos. Jó representa a geração, cuja consciência estava começando a se rebelar. Os três amigos representam a visão tradicional, que eles defendem com unhas e dentes. Ao longo dos capítulos, vão se alternando as intervenções e as respostas, as réplicas e treplicas entre Jó e os três amigos.

Como já dissemos, dentro de Jó existe um conflito entre a cabeça e o coração, entre a tradição e a consciência. A cabeça de Jó, formada pela tradição de séculos, dizia: “Você sofre e vive na miséria, porque cometeu algum pecado! Deus está te castigando!” A tradição, mandava Jó ficar calado, obedecer, ficar bem quieto e não se rebelar, pois seria desobediência a Deus. Mas o coração e a consciência diziam: “Deus é injusto comigo, pois eu não pequeei!” E dentro de Jó começa a surgir uma rebelião contra Deus. O mesmo conflito agitava as pessoas na sala que assistiam ao teatro. Agita a todos nós, até hoje!

Jó não concorda com a imagem de Deus que o tradicionalismo comunicava ao povo. Em vez de libertar as pessoas, esta imagem tradicionalista de Deus fazia com que os sofredores e os pobres ficassem com o sentimento de que Deus já não escutava o seu clamor e que eles tinham sido excluídos da sua presença amiga (Jó 24,12). E este seria o pior roubo que se possa imaginar! Além de roubar dos pobres os bens, roubavam também a presença amiga de Deus! Os pobres ficariam sem nada, sem ninguém neste mundo! (Jó 24,1-12). Jó assume a sua defesa!

No debate, Jó é fiel ao coração e não à cabeça! É fiel ao que ele sente dentro de si! Ele segue a consciência e não a falsa tradição! Acusa e critica os três amigos, que identificavam a presença de Deus com o nível econômico das pessoas. Jó os critica: “Vocês são capazes de sortear um órfão e vender seu próprio amigo!” (Jó 7,27). Mas nem tudo que Jó diz está certo, pois ele não consegue ver claro. No seu desespero, as pessoas, às vezes, dizem coisas disparates. Desejam até a morte. Veja, por exemplo, o texto de Jó 3,3-26. Leia devagar e pense no sofrimento que está por de trás destas palavras. Você se reconhece neste Jó? Ele existe hoje? Onde e como?

Os três amigos defendem a imagem da justiça de Deus que a Tradição ensinava desde séculos. Eles a defendem contra os gritos desesperados de Jó. Defendem uma imagem de Deus que eles receberam dos antepassados: Deus, sendo justo, castiga o mal e recompensa o bem. Nem tudo que os amigos dizem está errado. Tem muita coisa bonita nas palavras deles, mas nem toda roupa bonita na vitrina da loja serve para o tamanho do meu corpo. Palavra bonita não serve como curativo para ferida aberta. Os três amigos falam bonito a partir da teoria que eles têm na cabeça. Eles não escutam o que Jó tem a dizer. Será que estes amigos ainda existem? Como se manifestam? Às vezes, parece que Jó e os três amigos existem também dentro da gente. O debate do livro de Jó se faz na sociedade, na comunidade, na rua e até dentro da gente!

Ao longo do debate com os três amigos, Jó descobre que o problema de fundo não são os três amigos. Estes são meros charlatães, “manipuladores de mentiras” (Jó 13,4). Eles querem “defender a Deus usando mentiras e injustiças” (Jó 13,7). O problema de fundo é a imagem de Deus que a tradição comunicava ao povo. Jó quer saber se esta imagem é mesmo o rosto de Deus, ou se é apenas uma máscara que os ricos e os doutores colocaram no rosto de Deus para poder manipular a religião em seu próprio proveito. Jó quer encontrar-se com Deus para saber por experiência pessoal como Ele é de fato. Quer saber se Deus é conforme aquilo que a “cabeça” e a “tradição” ensinam, ou se é conforme o que o “coração” e a “consciência” sentem e adivinham. Jó quer “discutir com o próprio Deus” (Jó 13,3). Quer que um tribunal de justiça decida entre ele e Deus para saber se ele é ou não é culpado como os três amigos andam dizendo (Jó 23,1-9; 13,13-24). Jó tem muita coragem!

Jó arrisca tudo (Jó 13,14) e continua gritando que é justo e inocente (Jó 6,29). Esta atitude não é orgulho nem falta de humildade. Mas é o sentimento de um homem sincero que quer denunciar a falsidade e a mentira do sistema que usa Deus e a religião para manter uma situação de injustiça.

Depois da longa discussão com os três amigos, entra em cena um jovem, chamado Eliú (Jó 32,1-2). Ele assistiu ao debate e diz que os três amigos não foram capazes de refutar os argumentos de Jó (Jó 32,12). Sendo jovem, deixou os anciãos falarem primeiro (Jó 32,7-9). Agora, ele vai refutar a Jó, mas a sua longa argumentação (Jó 33,1 a 37,24) repete os mesmos argumentos dos três amigos já idosos. E por incrível que pareça, apesar de jovem, Eliú é mais conservador que os três velhos. Hoje, às vezes, a gente encontra jovens assim. É pena!

Desesperadamente, Jó refuta os argumentos dos amigos, um depois do outro. Mas não basta refutar os argumentos, não basta rasgar a fotografia antiga que já não corresponde à realidade. É preciso tirar uma nova fotografia para poder orientar o povo. E para tirar uma nova fotografia, é necessário ter a presença da pessoa. Pouco a pouco, ao longo do penoso debate, uma nova imagem de Deus vai chegando mais perto, anunciando a sua presença amiga na vida de Jó. Através dos nove discursos com seus altos e baixos, a gente percebe que Jó progride na descoberta.

O que o ajudou foi a reflexão sobre a *Sabedoria Divina* que se manifesta na natureza e na vida (Jó 28,1-28; 38,1 a 41,26). Refletindo sobre os grandes mistérios da vida e da natureza, Jó experimenta Deus de perto e descobre que Deus é maior do que a doutrina dos três amigos, maior que o falso deus dos ricos, maior também que as ideias do próprio Jó a respeito de Deus.

Existe algo de trágico nesta discussão de Jó com os três amigos. O “coração” e a “consciência” o empurram a rebelar-se e a gritar. Mas é a “cabeça” e a “tradição” que lhe inspiram as palavras. Jó não tem outras palavras, não tem outra imagem de Deus. Por isso, ele grita contra Deus o tempo todo. Na realidade, se ele grita contra Deus, não é contra o Deus que sobe de dentro do seu

coração, mas é contra o Deus que os três amigos defendem. Jó briga é com esta falsa imagem de Deus e é isto que ele expressa no fim do debate. A frase final é a chave de ouro que explica tudo. Jó se dirige a Deus, cai em si e diz:

***“Eu te conhecia só de ouvir falar de Ti,  
mas agora meus olhos te veem.***

***Por isso me retrato***

***e me arrependo sobre o pó e a cinza”*** (Jó 42,4-6).

Jó teve uma nova experiência de Deus. Descobriu que a sua rebelião e luta não eram contra Deus, mas sim contra aquela imagem de Deus que falsificava a consciência das pessoas, destruía a convivência e estava atrapalhando a ele em tudo (Jó 10,1-7; 16,7-14). Jó renasceu! Ao descobrir que o verdadeiro Deus não era nada daquilo que os amigos ensinavam, Jó cai em si e diz: ***“Por isso eu me retrato e me arrependo, sobre o pó e a cinza”*** (Jó 42,6).

Neste momento, o pano fecha. Terminou o teatro. Entra novamente o narrador para dar, em nome de Deus, a sentença final a respeito do debate. Ele diz a Elifaz: ***“Estou irritado contra você e seus dois companheiros, porque vocês não falaram corretamente de mim como falou o meu servo Jó”*** (Jó 42,7).

Esta sentença final traz a grande surpresa: os três amigos que defenderam a Deus o tempo todo, falaram mal de Deus; e Jó, que atacou a Deus o tempo todo, falou bem de Deus! Nem sempre os que se apresentam como defensores da verdadeira doutrina falam corretamente do Deus verdadeiro. Nem sempre os que criticam a maneira tradicional de apresentar a imagem de Deus e de Jesus, são desaprovados por Deus.

No fim, o livro de Jó deixa uma pergunta em todos nós: “O que será que Jó descobriu a respeito de Deus? Qual foi a nova experiência de Deus?” O texto não responde, mas abre uma janela bonita nesta frase final do próprio Jó: ***“Eu te conhecia só de ouvir falar de Ti, mas agora meus olhos te veem. Por isso me retrato e me arrependo sobre o pó e a cinza”***. É como dissesse: “Se você quiser saber o que Jó descobriu, percorra o mesmo caminho que ele percorreu!”

Esta é a maneira típica dos sábios da Bíblia de orientar as pessoas no discernimento da sua missão e vocação. Não fazem saber, mas fazem descobrir. Não dão tudo trocado em miúdo, mas apontam um caminho. Qual a imagem de Deus que a igreja comunicou ao povo ao longo dos séculos e que agora está sendo questionada pelo Jó de hoje?

1. O que mais chamou a sua atenção na atitude de Jó? Por que?
2. Jó existe hoje? Aonde e como? Dentro de você existe um Jó?

Frei Carlos Mesters  
cmesters@ocarm.org